

HIV/AIDS, MULHERES E CARNAVAL: vulnerabilidades sociais, estigma e desafios para a prevenção no Brasil

Maria Vitória dos Passos Pimentel¹ (UECE)¹,

maria.pimentel@aluno.uece.br

Francisca Analice Araújo Barbosa² (UFC)²,

analice.araujo@live.com

RESUMO

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), agente causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), permanece como um relevante problema de saúde pública no Brasil, produzindo impactos que extrapolam a dimensão biológica e alcançam os âmbitos social, psicológico e cultural da vida das pessoas. Em uma sociedade marcada por valores conservadores e moralistas, a abordagem da sexualidade e da prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST) ainda enfrenta resistências, o que contribui para a reprodução do estigma, da desinformação e da exclusão social de grupos historicamente marginalizados.

Nesse contexto, o Carnaval brasileiro configura-se como um importante cenário de análise, por se tratar de um período marcado por intensa sociabilidade, ampliação das interações afetivo-sexuais e, simultaneamente, por ações de saúde pública voltadas à prevenção do HIV/Aids. Embora o vírus não faça distinção entre indivíduos, sua disseminação está profundamente relacionada às condições sociais, ao acesso à informação, aos serviços de saúde e à autonomia dos sujeitos sobre seus corpos. Para as mulheres, especialmente mulheres negras, cis e trans, trabalhadoras do sexo, usuárias de drogas e aquelas

¹ Graduanda em Serviço Social (UECE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1334232696548363>

² Mestre em Avaliação de Políticas Públicas (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5513136289215546>

as em situação de vulnerabilidade social, esses fatores se expressam de forma ainda mais acentuada.

Historicamente, mulheres em relações heteronormativas foram invisibilizadas nas estratégias de prevenção, o que contribuiu para o aumento da feminização da epidemia ao longo dos anos. Dados epidemiológicos recentes demonstram que uma parcela significativa dos casos de HIV e Aids no Brasil ocorre entre mulheres, com maior incidência entre mulheres negras e em faixas etárias economicamente ativas. Apesar da redução da mortalidade por Aids, persistem desigualdades no acesso à prevenção, ao diagnóstico e ao cuidado, sobretudo entre grupos específicos que seguem subnotificados nas estatísticas oficiais.

Dessa forma, discutir HIV/Aids, mulheres e Carnaval implica reconhecer as múltiplas vulnerabilidades sociais e o estigma que atravessam a vida dessas mulheres, bem como os desafios para a efetivação de estratégias de prevenção que considerem as dimensões de gênero, raça, classe e sexualidade. As mulheres cis possuem o direito de receber orientação e ter acesso completo aos métodos de prevenção do HIV/AIDS, em particular à Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e à Profilaxia Pós-Exposição (PEP). O estudo destaca a necessidade de políticas públicas integradas, ações educativas contínuas e abordagens que promovam autonomia, direitos e cidadania, especialmente em contextos festivos como o Carnaval, nos quais a prevenção deve ser compreendida para além da responsabilização individual, assumindo um compromisso coletivo e estrutural com a saúde pública.

Palavras-chave: HIV/Aids. Mulheres. Carnaval. Vulnerabilidades sociais. Prevenção.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Francisco Inácio; COUTINHO, Carolina; MALTA, Deborah Carvalho. HIV/Aids entre travestis e mulheres trans no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 52, p. 1-10, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2021. Brasília: Ministério da Saúde, 2021a.

DAMACENA, Giseli Nogueira et al. Prevalência do HIV e fatores associados em mulheres trabalhadoras do sexo no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 1-10, 2011.

UNODC - United Nations Office on Drugs and Crime. Women who use drugs and HIV. Viena: UNODC, 2018.